

## EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE JOVENS-ADULTAS/OS COM DEFICIÊNCIA VISUAL<sup>1</sup>

### *Eixo Temático 12 – Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas*

Helen Cristiane da Silva Theodoro <sup>2</sup>  
Carolina Severino Lopes da Costa <sup>3</sup>

#### RESUMO

A presente pesquisa surge da necessidade em se desenvolverem estudos ligados ao desenvolvimento da sexualidade e educação sexual de pessoas com deficiência visual, haja vista que essas dependem de recursos específicos por não captarem as nuances presentes no ambiente, além de terem que conviver com os estigmas gerados pela própria deficiência. Por este motivo, o objetivo foi averiguar como ocorre o desenvolvimento da sexualidade e educação sexual direcionadas as pessoas com deficiência visual, diante da perspectiva delas. Participaram da pesquisa 10 jovens-adultas/os com deficiência visual, que responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado. Os resultados apontaram não haver uma educação sexual assertiva às demandas apresentadas pelas pessoas com deficiência visual.

**Palavras-chave:** Educação especial; Deficiência visual; Sexualidade; Educação Sexual.

#### INTRODUÇÃO

Sabe-se que a sexualidade, apesar de ser uma área de grande importância para o desenvolvimento humano, ainda é considerada um tema tabu. Quando se trata da sexualidade e educação sexual direcionadas as pessoas com deficiência, podem ocorrer vários agravantes devido aos mitos e preconceitos associados a estas pessoas. É importante compreender que o desenvolvimento do ser humano, em suas mais variadas

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida com apoio e financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e se trata de um recorte da dissertação desenvolvida pela primeira autora.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, [helenstheodoro@gmail.com](mailto:helenstheodoro@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientadora da pesquisa e docente pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, [carollina\\_costa@yahoo.com.br](mailto:carollina_costa@yahoo.com.br);

sutilezas, é algo contínuo e inacabado. A sexualidade, por conseguinte, não pode ser dissociada desse processo.

Quando o desenvolvimento da sexualidade tem a questão da deficiência visual associada, há que cuidar para que essa variável não se torne um fator de prejuízos à experiência da sexualidade de tais pessoas. Normalmente, no contexto familiar e social, a deficiência visual é relacionada de modo automático a um comprometimento do desenvolvimento da sexualidade (BRUNS, 2017). Levando isso em consideração, esta pesquisa teve como objetivo averiguar como ocorre o desenvolvimento da sexualidade e educação sexual de pessoas com deficiência visual, na perspectiva delas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A educação sexual tem sido um tema muito discutido nos últimos anos, embora ainda seja atravessada por inúmeros preconceitos e tabus (FIGUEIRÓ, 2020; MAIA, 2019; ZERBINATI; BRUNS, 2017). Assim sendo, a família costuma ser o primeiro agente deste processo, seguida pela escola e demais instituições sociais (LOURO, 2000; MAIA, 1997, 2011; MAIA; RIBEIRO, 2010). Zerbinati e Bruns (2017, p. 76) afirmam que, “[...] do caráter informativo até a problematização da sexualidade e do gênero, a educação sexual é disciplina em evidência na contemporaneidade por sua necessidade histórica, política, social e humana.” Neste sentido, a educação sexual se torna o alicerce para a garantia do pleno desenvolvimento da sexualidade enquanto direito intrínseco ao ser humano.

Maia (2019) aponta que, nos últimos anos, a sociedade tem destacado a relevância da educação sexual como forma de garantir o desenvolvimento das pessoas com deficiência, fornecer maiores conhecimentos a pais e/ou responsáveis e professores, além de difundir as discussões sobre esse assunto para que mitos sejam superados.

Ao tratar sobre sexualidade de pessoas com deficiência visual, Maia (2019) explica que, por terem dificuldades na comunicação (principalmente pela privação de diálogo com a família e pela falta de acesso a conteúdos não verbais), podem apresentar comprometimento no processo de aprendizagem geral e de conteúdos ligados à sexualidade. Isso ocorre porque a falta do sentido da visão dificulta a construção das “[...] representações subjetivas, da autoimagem, da noção de estrutura corporal e do

conhecimento das partes anatômicas, ou seja, nos processos psicossociais da sexualidade.” (MAIA, 2019, p. 235).

A partir de um estudo sobre a sexualidade das pessoas com deficiência visual, Defendi (2017) destacou que é importante considerar que pessoas com deficiência visual possuem dificuldades no acesso a informações sobre sexualidade. Logo, em um programa de educação sexual voltado para esse público, devem ser considerados alguns elementos, como o fornecimento de recursos e materiais que garantam o aprendizado dessas pessoas, o que pode ser feito com: audiodescrição de filmes e imagens; oferecimento de modelos anatômicos e próteses realistas; materiais em braile; atividades e materiais com texturas diferenciadas etc.

Algumas pesquisas apontaram que a falta de educação sexual para pessoas com deficiência visual pode trazer várias consequências ao processo de desenvolvimento, principalmente para aquelas com cegueira congênita (BENEDET; GÓMEZ, 2015; COZAC; PEREIRA; CASTRO, 2016; KAPPERMAN; KELLY, 2013). Há, portanto, uma real necessidade de a educação sexual ser ofertada de maneira adequada às demandas dessas pessoas, compreendendo que seu modo de aprendizado é diferente do de seus pares sem deficiência ou com outras comorbidades (BRUNS, 2017; JABLAN; SJENIČIĆ; 2020; SILVEIRA, 2009).

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa possuiu abordagem qualitativa, descritiva e exploratória (MARKONI; LAKATOS, 2017). Foi realizada a submissão ao Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, sendo conferido o parecer favorável de número CAEE: 39863720.8.0000.5504.

Participaram da pesquisa 10 jovens-adultas/os com deficiência visual (seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino). Todas/os as/os participantes possuíam cegueira congênita e, apenas um deles tinha como nível de escolaridade o Ensino Médio Completo. As/os demais possuíam Ensino Superior Completo.

O primeiro contato foi realizado através de uma instituição especializada no atendimento de pessoas com deficiência visual, localizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo que passou o contato das/os possíveis participantes. A pesquisadora entrou em contato com elas/es e deu andamento com as/os que aceitaram participar. Foi

aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado, em dia e hora previamente agendados com as/os participantes.

A pesquisa foi realizada no ano de 2021 e, por este motivo, seguiu com todos os protocolos de saúde referente a pandemia causada pela COVID-19. Isso fez com que os dados fossem coletados via internet, o que possibilitou a participação de pessoas dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

Para a análise de dados optou-se pela análise de conteúdo proposta por Franco (2021). Após definido o percurso e realizada a coleta dos dados, as falas das/os participantes foram lidas, identificando em suas colocações os temas correspondentes à pesquisa. Desse modo, chegou-se à categoria de análise sobre a educação sexual recebida pelos jovens-adultas/os com deficiência visual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados demonstram que as informações sobre o desenvolvimento da sexualidade foram geralmente outorgadas pelos pais, mesmo que indiretamente, a terceiros (outros familiares, escola ou grupo de amigos, por exemplo). Quando não abordam sobre assuntos ligados ao desenvolvimento da sexualidade, principalmente das pessoas com deficiência visual, os pais e/ou responsáveis estão se eximindo dessa responsabilidade e permitindo que a educação de suas/seus filhas/os seja realizada por outras pessoas.

Silveira (2009) salienta que os pais e/ou responsáveis deveriam se dedicar a atender às demandas apresentadas por suas/seus filhas/os, tanto no que diz respeito às mudanças e cuidados físicos quanto àquelas mais subjetivas. Desse modo, a educação sexual englobaria uma série de conteúdos que proporcionariam melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência visual, além de lhes oferecer noções essenciais para o desenvolvimento da sexualidade (BRUNS, 2017). Maia (2019), por sua vez, enfatiza que a falta de informações pode fazer com que as pessoas com deficiência visual apresentem comprometimentos no processo de aprendizagem e desenvolvimento de sua sexualidade.

Ademais, em nenhum momento as/os participantes disseram que seus pais se “esforçavam” de alguma forma para compreendê-las/os ou ensinar sobre sexualidade. Esse fato pode reforçar a crença de que as pessoas com deficiência visual são superprotegidas, assexuadas ou incapazes de estabelecer qualquer relacionamento

amoroso (MAIA, 2019; MAIA; RIBEIRO, 2010). Logo, é compreensível que esses indivíduos busquem sanar suas dúvidas sobre sexualidade com terceiros (DENARI, 2011).

Todas/os as/os participantes disseram ter recebido algum tipo de educação sexual na escola. Aquelas/es que estudaram em instituições especializadas no ensino de pessoas com deficiência visual apontaram ter mais acesso a recursos como: maquetes, próteses, bonecos e métodos contraceptivos (além das explicações teóricas) – recursos que são apontados por Defendi (2017) como essenciais para o desenvolvimento da sexualidade. Para elas/es, foi um processo relatado como natural e que não causou qualquer tipo de constrangimento. Já aquelas/es que frequentaram escolas comuns disseram ter recebido um ensino sobre temas ligados à sexualidade, mas não eram oferecidos recursos táteis adequados e/ou as informações eram puramente teóricas, não atendendo às suas necessidades.

Os dados demonstram que escolas especializadas são mais eficazes no ensino da educação sexual a pessoas com deficiência visual, dado que se direcionam à compreensão global da deficiência, seus déficits e capacidades, utilizando recursos táteis e materiais mais direcionados ao aprendizado das/os alunas/os (BRUNS, 2017; MAIA, 2019).

Compreende-se, além disso, que a família e a escola são as instituições sociais que mais atuam no desenvolvimento da sexualidade. São nesses dois ambientes que se inicia a educação sexual, abrangendo a compreensão de inúmeros conceitos sobre o corpo humano, as relações interpessoais e a experiência da sexualidade (BENEDET; GÓMEZ, 2015). Logo, a família e a escola deveriam se valer da maior quantidade de informações e recursos para promover a educação sexual para que todas as pessoas, inclusive aquelas com deficiência visual, possam se sentir acolhidas/os, representadas/os e compreendidas/os (JABLAN; SJENIČIĆ; 2020). Portanto, considerar as especificidades das pessoas com deficiência visual e oferecer uma educação sexual ampla significa viabilizar sua plena participação na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudos que versem sobre sexualidade têm aumentado nas últimas décadas. No entanto, esse campo de estudo se encontra distante da realidade e demandas encontradas, ainda mais quando direcionadas ao público da educação especial.

Considerando esses fatores, o objetivo dessa pesquisa foi averiguar como ocorre o desenvolvimento da sexualidade e educação sexual direcionadas as pessoas com deficiência visual, diante da perspectiva delas. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória em que 10 pessoas com deficiência visual responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado.

Os resultados mostraram que a educação sexual recebida pelas pessoas com deficiência visual permanece ineficiente, além de ser distante das demandas apresentadas por elas/es. Diz-se isso, em relação à educação sexual fornecida pela família e instituições regular de ensino. Todavia, aquelas/es que estudaram em instituições especializadas na educação de pessoas com deficiência visual, relataram receber educação sexual de maneira assertiva e que contribuiu para o seu pleno desenvolvimento.

Diante do exposto, a pesquisa verificou a importância da educação sexual para o desenvolvimento global do indivíduo, ainda mais em relação às pessoas com deficiência visual. Desse modo, seria necessário o desenvolvimento de programas de educação sexual direcionados às demandas das pessoas com deficiência visual, considerando suas especificidades.

## REFERÊNCIAS

BENEDET, Leticia; GÓMEZ, A. La educación sexual en Uruguay: enfoques en disputa en la genealogía de la política pública. **Revista Temas De Educación**, vol. 21, nº 1, 2015, p. 11-30. Disponível em: <https://revistas.userena.cl/index.php/teduacion/article/view/653>. Acesso em: 22 set. 2021.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos – ontem e hoje. **Benjamin Constant**, nº 17, 2017, p. 1-11. Disponível em: Deficiência visual e educação sexual: a trajetória dos preconceitos - ontem e hoje | Benjamin Constant ([ibc.gov.br](http://ibc.gov.br)). Acesso em: 09 ago. 2021.

COZAC, Mariana Crisci; PEREIRA, Andrea Ruzzi; CASTRO, Shamyryl Sulyvan. Concepção de sexualidade entre pessoas com deficiência visual. **Cad. Edu. Saúde e Fis.** 2016/2, v. 3, n. 6. 2016. p. 13-19. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/df2b/3fe36fd963c048bdb319274bd3f5edf03c0e.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

DEFENDI, Edson Luiz. Sexualidade e Deficiência visual: uma proposta de educação inclusiva. **Caminhos da Inclusão**, 2017. Disponível em: <https://caminhosdainclusao.cedaps.org.br/2017/06/29/sexualidade-e-deficiencia-visual-uma-proposta-de-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 15 set. 2021.

DENARI, Fátima Elisabeth. Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual: o direito ao ser/estar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, n. 1, p. 44-52,

fev. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3491>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. 2ª ed. ver., atual. Ampl., Londrina, Eduel, 2020, Livro Digital, 185 p.

JABLAN, Branka; SJENIČIĆ, Marta. Sexuality and sexual health of the population with disabilities, with special reference to people with visual impairment. **Stanovništvo**, 2021, p. 1-18. Acesso em: <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/0038-982X/2021%20OnLine-First/0038-982X2100001J.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

KAPPERMAN, Galey; KELLY, Stacy M. Sex Education Instruction for Students Who Are Visually Impaired: Recommendations to Guide Practitioners. **Journal of visual impairment & blindness**. vol 107, n 3, p. 226-230, mai-jun. 2013. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1008214>. Acesso em: 05 set. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e educação sexual**. Ministério da educação e cultura – MEC. Brasília. 1997. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead\\_reei1\\_ee\\_d06\\_s03\\_texto02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf). Acesso em: 15 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 6, n. 3, p. 90-101, mai. 2011. ISSN 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5004>. Acesso em: 28 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo, Ed. Unesp Digital, Livro Digital, 2019, 322 p.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, mai. – ago., 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 ago. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7ª ed., São Paulo, Atlas, Livro Digital, 2017, 361 p.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Deficiência Visual: Fundamentos e Metodologias**. Centro Universitário Leonardo da Vinci, Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2009, 130 p. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=30545>. Acesso em: 03 mai. 2020.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Revista Travessias**, vol. 11, nº 1, jan/abr., 2017, p. 76-92. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602/11276>. Acesso em: 15 jun. 2021.